

EXISTENCIA RELIGIOSA EM KIERKEGAARD

Helysson Assunção França¹
Delmo Mattos²

RESUMO: O estudo abordou o estilo de vida religioso com base em Kierkegaard. Tendo como objetivo principal discorrer sobre o estilo de vida religioso com base nas concepções de Kierkegaard. O estilo de vida religioso existe no âmbito de uma consciência de fé. As pessoas que vivem esse estágio de vida priorizam a fé em detrimentos do prazer estético e aos ditames da razão. O estilo de vida religioso está diretamente relacionado à fé da existência de Deus. Segundo o autor, o único caminho para o homem livrar-se do desespero é a tomada de consciência de fé. Quando o indivíduo mergulha em si mesmo, encontra o poder que o criou e, assim, o modo religioso possui profunda interioridade. O indivíduo religioso tem consciência de que nesse âmbito a moral é ultrapassada, visto que somente são observados os deveres com Deus, cujo fato é denominado pelo autor de suspensão teleológica da moral. Concluiu-se que na concepção de Kierkegaard somente é possível amar verdadeiramente ou se realizar de maneira plena do eu e alcançar a felicidade o homem que se encontra no estágio de vida religioso.

Palavras-chave: Estilo de vida religioso. Kierkegaard. Religião.

ABSTRACT: The study addressed the religious lifestyle based on Kierkegaard. Its main goal is to discuss religious lifestyle based on conceptions of Kierkegaard. The religious lifestyle exists within a consciousness of faith. People who live this life stage prioritize faith to the detriment of aesthetic pleasure and the dictates of reason. The religious lifestyle is directly related to the faith of God's existence. According to the author, the only way for man to get rid of despair is the awareness of faith. When the individual immerses himself, finds the power that created and thus the religious order has profound interiority. The religious person is aware that the moral framework that is outdated, since only duties to God are observed, which is actually called by the author of teleological suspension of morality. It was concluded that the design of Kierkegaard can only truly love or realized to the fullest and achieve happiness hurt the man who is at the stage of religious life.

Keywords: style of religious life. Kierkegaard. Religion.

INTRODUÇÃO

Para Kierkegaard a religião ocupava um lugar privilegiado de reflexão e existência, fato este nunca contestado por nenhum crítico da área. Esse autor fora introduzido no mundo religioso desde sua infância, portanto, à reflexão e à carreira eclesiástica, fato este que contribuiu para o desenvolvimento de sua personalidade e

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão. Email: helysson_franca@yahoo.com.br

² Prof. Dr. em Filosofia. Fundação Getúlio Vargas. E-mail: delmomattos@hotmail.com

seu retorno ao misterioso complexo envolto pelo pecado paterno e suas várias consequências em sua consciência. Dessa forma, adentra-se a duas realidades existentes na religião pessoal do autor em destaque, sendo elas: de um lado, a revelação cristã e os seus dogmas e seus paradoxos inerentes e, de outro lado, está presente o aspecto psicológico próprio de uma família sob os efeitos de um credo coletivo marcado pela angústia, temor e tremor. A partir do momento em que se torna explícita a vocação literária de Kierkegaard, a relevância da orientação espiritual desse autor, passa a ser revelada. Tal realidade faz-se presente pelo próprio escritor em o Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra de Escrita, que produzida em 1848: “o autor foi e é um autor religioso”.

O plano cristão geral encontra-se bem evidenciado na série de Discursos Edificantes provenientes, obviamente, da mesma fonte dos demais, porém, com objetividade assegurada pelo gênero literário de uma homilia voltada para o público e pela assinatura de um escritor/autor que não deixa reticências.

Pelo fato das outras obras religiosas apresentarem pseudônimos, há o reencontro de confissão disfarçada, e o existencialismo dialético dos níveis antecedentes. Ao se tomar por base a relação entre a estética e a ética esclarece-se esse novo plano da realidade, tratando-se, assim, de uma relação bem delicada. O estilo de vida religioso existe no âmbito de uma consciência de fé. As pessoas que vivem esse estágio de vida priorizam a fé em detrimentos do prazer estético e aos ditames da razão. Caracteriza-se pela passagem do finito para infinito. No modo de vida religioso, o homem fica sozinho bem próximo de deus e, conseqüentemente, poderá sair do desespero, visto que, segundo Kierkegaard, o homem, em síntese, é constituído de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade e, na esfera religiosa é possível o encontro do eu, o que ocorre somente ao se contactar com Deus. O presente estudo tem por objetivo discorrer sobre o estilo de vida religioso com base nas concepções de Kierkegaard.

ESTILO DE VIDA RELIGIOSO

O estilo de vida religioso está diretamente relacionado à fé da existência de Deus. Segundo o autor, o único caminho para o homem livrar-se do desespero é a tomada de consciência de fé. Quando o indivíduo mergulha em si mesmo, encontra o poder que o criou e, assim, o modo religioso possui profunda interioridade. Para ele, o estilo religioso constitui o último e mais significativo passo para que o indivíduo interprete a si mesmo e encontre o sentido de sua existência. Entretanto, ressalta-se que antes de se entrar nesse estágio de vida, o “eu” busca a libertação de si próprio, porém o seu criador, ou seja, Deus obriga-o a permanecer sendo o “eu” que é e, por esse motivo ele se desespera, tal como se observa no texto a seguir:

[...], o que ele quer, portanto, é separar o seu eu do seu Autor. Entretanto aqui ele falha, não obstante desesperar, e apesar de todos os esforços do desespero, este Autor permanece o mais forte e constrange-o a ser o eu que ele não quer ser. Todavia o homem deseja sempre libertar-se do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da sua própria invenção (KIERKEGAARD, 2002, p.25).

A falta de consciência do desespero pode ser entendida como uma maneira de desespero. Dessa forma, tanto o esteta como o ético, acham que são felizes, mas não o são, uma vez que procuram desvencilhar-se de si próprios. Pois, antes mesmo de se relacionarem com Deus, frustram-se e, sem mais ter fé não resistem sobre à reflexão acerca do nada no qual estão inseridos. E, ainda, a fuga do eu não será possível, pois, cada um é aquilo que é e, portanto, não poderá ser uma outra pessoa, senão ele próprio. Porém, pode refugiar-se no personagem fingindo pensar, agir e sentir como ele, interiormente é aquilo que é e não há como ser de outra maneira, assim: “Ser este ‘eu’ que ele quer faria a sua delícia – se bem que em outro sentido o seu caso não seria menos desesperado – mas o constrangimento de ser este eu que não quer ser, é o seu suplício. Pois não pode libertar-se de si mesmo” (KIERKEGAARD, 2002, p.25). O homem, como possuidor de espírito infinito, não se relacionando com Deus, leva uma vida temporal e, por essa razão, não será ele mesmo, visto que não satisfaz seu “eu” espiritual. Assim, não poderá ser feliz e se realizar, por esquecer uma parte de seu eu, pois sem esta a outra parte sequer poderá viver. Para Deus tudo é possível, logo é Nele que se encontra conformação.

Os homens acreditam que vivem por demais felizes, quando preferem os outros estilos de vida e, assim, priorizam a ignorância. Vivem eles iludidos em um excesso de felicidade, ou seja, na perspectiva do imediato, do frágil. O desespero é decorrente do receio de perda da eternidade e, sobre tal perda, o outro não faz nenhuma menção, pois não suspeita acerca da mesma. O homem que vive nos estilos de vida ético e estético, não tem conhecimento do que acontece com ele próprio, como também não compreende sua vida e percebe como desespero o que não é visto como desespero. “Em vez de salvar tua alma, entregando-te a Deus em cada coisa, em vez de tomar este atalho, te comprazes em desvios sem fim que te conduzirão a parte alguma” (KIERKEGAARD, 1994, p.16). A fraqueza e imperfeição contribuem para a busca do homem pelo estilo de vida religioso, tendo em vista que o modo de vida ético não apresenta solução para essa realidade. Para Kierkegaard o modo religioso possibilita ao homem encontrar aquilo considerado como perfeito. Pois, “um espírito religioso desenvolvido tem o hábito de dirigi-lo todo a Deus, de penetrar e fecundar com esse pensamento toda a circunstância finita, a qual, assim, enobrece e santifica” (KIERKEGAARD, 1994, p.16).

A fusão entre os modos de vida ético e religioso nem sempre será possível, uma vez que todos não podem casar-se e galgar um *status* social. Essa fusão é dificultada porque alguns deles não se relacionam com os demais, mas buscam um relacionamento com Deus. Nesse sentido, entende-se que Kierkegaard queira dizer que aqueles, que decidem pelo ético, podem adicionar ao mesmo o modo religioso, no entanto, o contrário não pode acontecer, visto que, no casamento os dois modos de vida podem ser fundidos. Tem-se, assim, uma mudança do ético para o religioso, este respeita a moral, porém, seus preceitos não significam tudo para ele. Deus distancia-se do que é mundano. Cada modo de vida possui seu próprio mistério, seu segredo e este não tem espaço no ético, na esfera social. Ao analisar o caso de Abraão, usado por Kierkegaard como exemplo em uma de suas obras, o autor ressalta que no domínio ético Abraão é considerado como um assassino, porém no aspecto religioso, foi ele fiel a Deus. Do ponto de vista moral, tinha a intenção de matar Isaac e do religioso era sacrificá-lo. Abraão viveu exclusivamente voltado para fé, refém da solidão e do abandono. De acordo com a ética dos homens, sacrificar o filho é um ato

absurdo e desumano. A fé supera a razão e a ética e conduz ao absoluto. Tal fato expressa a ausência da mediação humana, visto que não pode haver transição racional entre o finito e o infinito.

O modo de vida religioso de Abraão manifesta-se através da confiança dele no propósito divino e da forma silenciosa como aceitou esse intento. O silêncio constitui um elemento indispensável no estilo de vida religioso, uma vez que ele consiste na maior expressão de solidão, marco desse estágio de vida. Na história de Abraão, verifica-se a presença de um silêncio total, que torna difícil avaliar e entender seu conflito interior. Assim, algumas conjecturas são feitas a partir da análise da conduta desse cavaleiro da fé, como é conhecido Abraão, tendo em vista que não existem registros de informações dele, ou questionamentos feitos por ele a Deus, como também alguma revelação que possa esclarecer com exatidão o sentimento de Abraão. A fé como um paradoxo expressa egoísmo e abandono (amor de Deus) e do amor a si próprio. E, ainda, suplanta o raciocínio, mas não suprime a razão, sem esta não se teria um ato humano, por esse motivo não há paradoxo absurdo porque o uso da razão permanece.

O indivíduo religioso tem consciência de que nesse âmbito a moral é ultrapassada, visto que somente são observados os deveres com Deus, cujo fato é denominado pelo autor de suspensão teleológica da moral. Nesse momento, coloca-se em risco sua relação com os outros homens. Assim, ocorre o domínio da solidão e, esta evita que se confirme a aceitação da confiança em Deus. Portanto, tem-se uma condição de “temor e tremor”. Para Kierkegaard, o exemplo de Jó, ou seja, de perda em nome de Deus, leva à reflexão sobre a escolha da fé no sentido de vê-la como correta, pois por ser uma opção a fé implica em dúvidas. Convém ressaltar, que o conhecimento da insegurança e incerteza da relação com Deus, conforme o autor implica na identificação da fragilidade do estágio de vida religioso. Pois, embora o homem de fé seja visto como menos angustiado, o que é normalmente percebido nos indivíduos de fé, pode-se inferir que tal fé constitui o antídoto para o desespero. Mas, deve-se verificar em outra dimensão, que não é correto que aqueles viventes da fé sintam-se sempre seguros em sua fé, tendo em vista que duvidam diversas vezes, visto que, não podem sentir-se totalmente confiáveis e seguros em uma relação, na

qual o outro envolvido não responde e, ainda, sequer podem pesquisar se ele é existente ou não.

O estilo de vida religioso deve ser concebido como variável, uma vez que, no matrimônio apresenta uma estrutura de maneira diferente, haja vista que preserva os demais estilos de vida. Mesmo com o salto e abandono do ético, no matrimônio esse estilo de vida não suplanta o modo estético, pois não pode deixar de ser corporal e, concreto e o ético por não excluir o querer o outro bem. Porém, os modos ético e estético podem ser transformados pelo religioso no âmbito do matrimônio, alcançando, assim, uma forma superior chamada de concentricidade pelo autor. Embora a vida religiosa requeira uma vivência total da fé por meio de uma conversão plena, mas como esta ocorre raramente, de modo repentino não acontece abandono pelos demais estilos de vida, visto que para se atingir a religiosidade passa-se por um processo, mesmo sendo o ato de escolher uma contingência, uma vez que o salto é uma questão de escolha, porém posso dizer que ocorre uma “gradação”, na medida em que, geralmente, ao se chegar na esfera religiosa, já se passou por fases, entre elas a ironia, a dúvida e a reflexão.

Como se observa, até o salto de fé de Abraão não aconteceu de forma súbita e radical, pois houve um processo, visto que se tratava de um homem de fé, que, aos poucos estabeleceu uma ligação, fortalecida diariamente, com o divino, cujo ápice foi alcançado no sacrifício feito pelo seu filho Isaac. Esse sacrifício tornou-se possível pelo fato de que já existia um longo caminho de fé anteriormente a esse momento que assegurou confiança absoluta nas determinações divinas. Assim, constata-se que: “Essa esfera mais alta é a da religião, na qual terminam a reflexão e a razão e assim como nada é impossível a Deus, tampouco nada é impossível ao indivíduo religioso” (KIERKEGAARD, 1994, p.29). Com base nessas conjecturas, tudo é permitido no estilo de vida religioso, no qual, comumente a racionalidade está suspensa.

LIBERDADE NO ESTILO DE VIDA RELIGIOSO

Nos estilos de vida ético e estético, segundo Kierkegaard, o homem fica sujeito a máscaras construídas por ele com a finalidade de fugir dele próprio. Assim, a verdade, a consciência de si mesmo e a realização da alma formam a chamada liberdade. Portanto: “É na esfera do religioso onde os indivíduos conseguem ser livres [...]” (KIERKEGAARD, 1994, p.60). Nesse sentido, não se faz referência a liberdade de fazer o que se pretende, ou seja, a vontade própria, um descompromisso, mas, sim, uma liberdade de ser que permite ao indivíduo ser ele mesmo. No modo de vida ético, apesar de já existir amor pelo outro, que leva em conta suas necessidades, por cuja razão não ocasiona o mal vindo do esteta, pois há respeito pela liberdade do outro, havendo também uma fuga em um personagem. O indivíduo quando ético, representa o papel social que é esperado dele cedendo ao geral e, dessa forma, deixa sua individualidade de lado. Dessa maneira, o indivíduo incorpora o personagem de homem correto mediante as leis, abandonando seu interior. Nesse estilo de vida, a presença da racionalidade torna-o superior ao estético, porém nada faz visando libertar o indivíduo, pois de maneira contrária, mantém ele aprisionado nas normas sociais e o força a esconder de si próprio e dos outros sua interioridade.

No estilo de vida estético, a performance de sedutor, que as pessoas usam para se esconder dos outros e de si próprias, consiste na prisão mais elementar existente, visto que é direcionada por instintos e é prejudicial aos outros, ainda que não queira: “exerce uma influência funesta sobre as pessoas” (KIERKEGAARD, 1994, p.15). O indivíduo passa a vida em um ciclo do qual não consegue desvencilhar-se, como se tivesse adquirido o vício de conquistas e do prazer da sedução e, conseqüentemente, torna-se refém de seus prazeres e da insaciabilidade. Por se tratar de um modo de vida voltado diretamente para o perecível (corporal), não há permanência em suas conquistas, haja vista que ele se cansa do conquistado, pois este não possui nada de superior, no seu entendimento. Dessa forma, enfadonha-se daquilo que é perecível, e por não manter contato com o imperecível de si próprio e do outro, e, então, parte para nova conquista, tornando-se refém de tudo que é novidade. Por não se satisfazer, passa a ser prisioneiro do prazer da conquista. Porém, em suas conquistas não consegue libertar-se do personagem criado por ele,

tendo em vista que com essa criação que conquistou o outro, o qual caso conheça alguma coisa de sua verdade, certamente se desinteressará.

No estilo religioso, a conquista da liberdade somente ocorrerá quando o indivíduo não estiver mais em condição de escravo de seus instintos e desejos, como também da exigência social. Ressalta-se que nesse contexto, o social não permite a introspecção. Kierkegaard concentra sua teoria no indivíduo, atribuindo valor à introspecção sendo esta característica essencial do ser único. Por ser eterna, a alma é o mais relevante no homem. A liberdade implica em conhecer-se, depois de profunda interioridade e encontro com Deus. Somente será livre aquele indivíduo que conhece sua verdade e transcende o mundo das aparências e material.

A SOLIDÃO NO ESTILO DE VIDA REIGIOSO

Kierkegaard em toda extensão de sua teoria dá muita ênfase na interiorização que somente é possível por meio da relação com Deus, sendo esta que direciona para a liberdade. Na concepção desse autor, o indivíduo somente se liberta no modo religioso, que é considerado como garantia de vida plena com felicidade e realizada. Apenas com a interiorização do eu este vive a sua própria verdade, ficando, então, livre para ser ele próprio, isto é, livre de acordo com o sentido da palavra, o que acontece com muita solidão. Cada indivíduo nasce com características, necessidades, personalidade e um projeto de vida exclusivamente seu, ou seja, a idéia religiosa de ter sido criação de Deus. Sua vida interior não pode ser compartilhada, por isso que vive sozinho e, no entanto, quando em sociedade, parece não estar sozinho, porém na realidade, ninguém o compreende ou, é igual a ele e muito menos compartilha pensamentos e emoções. E, morre sozinho levando com ele tudo que construir espiritualmente e, então, relaciona-se com Deus de maneira completa.

Segundo o autor, não se pode fugir do fato de que o ser humano é sozinho por sua própria natureza, visto que o verdadeiro que existe nele não pode ser mostrado aos outros. Essa definição está clara na teoria desse autor, quando ele determina como exclusiva forma de ser feliz a profunda interiorização religiosa, que nos distancia totalmente dos outros. Por esse motivo, seria possível configurar o ser

humano como sozinho, tendo a solidão como característica fundamental, à frente de várias outras se incluindo o desespero e a angústia. Assim, o ser humano entra em desespero porque é sozinho, livre, pois não pactua seu destino com os demais seres humanos. Caso existisse uma maneira de viver juntamente no sentido de igualdade e acompanhado nos seus sofrimentos, angústias, na sua “vida interior” não existiria desespero e, face a essa realidade Kierkegaard não indicaria o modo religioso como o único com capacidade de oferecer apoio e felicidade à existência humana, e, assim, esse autor se voltaria para o estilo de vida ético, no qual o indivíduo encontra alento no grupo.

Todo ser humano é propenso à solidão, visto que, mesmo se relacionado íntima e verdadeiramente com alguém, sempre estará sozinho. A solidão é considerada como algo interno que não se exterioriza. Mesmo em uma vivência de amor verdadeiro e de muita intimidade, em que não compartilhados sentimentos e pensamentos, a solidão continua a existir. Na verdade, não se deixa de ser sozinho, apesar de termos alguém que nos entende e nos ama. Essa realidade talvez venha a ser a angústia contínua do ser humano, ou seja, sentir-se sozinho. Daí, Kierkegaard definir a relação com Deus como um remédio para a natureza humana. O homem ao se relacionar com Deus, vive uma sensação de estar acompanhado e não sozinho. A idéia sobre Deus que esse autor expressa, está relacionada a um Ser que tem conhecimento a respeito de tudo, vê tudo que acontece e, portanto, somente Ele, além de nós próprios, pode nos conhecer realmente e nos fazer menos sozinhos, visto que, há uma ligação transcendental com todo nós, isto é, algo que ultrapassa a esfera da vida física.

Dessa maneira, pode-se aceitar que o estilo religioso possa ser visto como o único a oferecer alento ao ser humano em face de sua condição de vida. Nesse ponto, retomamos à discussão da fé, ou seja, de saber até que ponto essa relação é segura e confiável, a fim de verificar se a fé em questão é inabalável. Para que haja alívio da angústia humana, por meio da fé, esta deve ser plenamente segura, livre de qualquer dúvida. No entanto, parece difícil existir fé sem dúvida, sem instantes de revolta e, assim, torna-se um tanto complicado determinar uma realização total do eu no estágio de vida religioso. No tocante a solidão e a relação com Deus, em que está

presente a consciência. Mesmo que o autor não faça menção constante ao termo consciência em suas produções literárias, percebe-se a importância dada por ele a essa característica humana, nesse sentido, assim ele faz referência a ela:

Oh! Sem dúvida que estaríamos garantidos, se apenas na eternidade nos tornássemos indivíduos. Todavia, indivíduos éramos e perante Deus o continuamos a ser sempre, e até o homem metido num armário de vidro está mais à vontade do que, perante Deus, cada um de nós na sua transparência. Isso é consciência. É ela que dispõe tudo de tal modo que um relatório imediato segue cada uma das nossas faltas, e é o próprio culpado quem o redige (KIERKEGAARD, 2002, p.112)

No entendimento do autor a felicidade é impossível nos estilos de vida estético e ético, exatamente por causa da consciência, que nos obriga a sermos o que somos e sentir remorso pelo fato de não sermos verdadeiros conosco e com os demais seres humanos. A consciência é a responsável pelo apego do ser humano ao estilo religioso, uma vez que somente nesse modo de vida ela se assume como tal. Por mais que o ser humano pretenda fugir de sua própria vida, sendo esta representada tanto na vida estética quanto na ética, a consciência não pode ser eliminada, pois é ela que nos leva ao que somos concretamente e, ainda, aponta nossos erros, intenções em nossos atos, como também integra-se na solidão de cada indivíduo sendo algo apenas dele. A consciência não é a causadora da angústia no ser humano, pois ela constitui nesse processo apenas, um instrumento, tendo em vista que a sua causa é a liberdade de escolher sua vida. Por meio da consciência se constata a condição em que se vive e, conseqüentemente vem a angústia. A consciência apresenta-se por graus, os quais vão se aproximando até atingir o estilo de vida religioso. Para o nosso autor, a consciência conforme o sentido pleno do termo é considerada inerente ao ser humano e salvo em situações de doença, quando se questiona a sua presença ou não, todo ser humano a possui. Dessa forma, os modos de vida ético e estético estão sujeitos a mais um sofrimento, sendo este a consciência que os impõe, a saber, mesmo sem identificação de que algo não está certo.

O AMOR NO ESTÁGIO DE VIDA RELIGIOSO

No entendimento de Kierkegaard, a religião representa o mais alto nível dos estágios da vida. Nesse sentido, o amor reencontra, o infinitivo, uma vez que, sem fé cada momento esvazia-se em si próprio. A fé conduz ao eterno e ao que é duradouro. Esse autor acrescenta, que não há imposição para o rompimento com a natureza humana para que o homem possa ser religioso. Assim sendo, no estágio religioso é que ocorre a permissão para que o amor alcance sua condição mais superior e mais sublime em que se verifica a posse e a entrega de si próprio em sua totalidade. No amor acontece a complementação dos três modos de vida, da seguinte forma: a esfera estética traz o erótico que participa com o matrimônio com a escolha livre; a esfera ética contribui com a responsabilidade e a reflexão que está presente no casamento; e, a esfera religiosa participa com o divino que possibilita ao amor um nível superior no momento em que o casal permite-se intensa interioridade de forma verdadeira.

Quando essas esferas são percebidas em seu próprio mundo, ou seja, isoladamente, verifica-se que na estética, o sedutor busca o prazer que leva ao amor, mesmo que este não se contente com a posse, mas, sim, com a posse da mente e da liberdade dos outros. Todo sedutor é visto como um ator que dramatiza seu papel de conquistador para realizar seu intento. Portanto, ele somente representa, por esse motivo não há o encontro consigo mesmo, e, conseqüentemente, jamais aprofundará suas relações amorosas, ocorrendo, então dispensa de normas morais que impedem o alcance da vida religiosa. A dimensão estética nessa situação exterioriza-se cabendo entendê-la como superficial. E, ainda, na vida do sedutor não há espaço para a solidão, pois: continuamente ele se prepara para novas conquistas. As questões existenciais são ignoradas por ele, pois usa sua inteligência exclusivamente, para a busca do prazer. O uso de máscaras pelo homem impede que ele perceba o desespero e, até mesmo pensa ser um outro para se libertar de si próprio. Enquanto não estiver consigo, não é possível estar de forma verdadeira com outra pessoa. Este momento é considerado pelo autor, como o estágio da paixão, no qual se faz livremente a escolha, sem reflexão.

Ao passo que, no estágio ético é dedicado ao decidir ficar com a pessoa pela qual, o sedutor apaixonou-se na esfera estética. Nesse estágio, efetiva-se a união

social no sentido de que se concretiza o compromisso mútuo entre ambos. Porém, a fé revela-se como o amor, e a razão não se encontra capaz para prová-la e explicá-la. A sua energia é a paixão, isto é, a paixão da fé. E, conseqüentemente, quando está presente a paixão, há também angústia e dor. A paixão pela fé, constitui um impulso da fé, que implica, por um lado na não escolha da fé. Dessa forma, pode-se mencionar que, para se adentrar no estágio de vida religioso, necessariamente, deve ser feita a escolha, no entanto, a fé representa algo que toma por inteiro o indivíduo, o qual não a escolhe no aspecto de possuí-la ou não. A escolha da fé é feita sem o uso da razão, o que significa dizer, que não se decide por ter fé, mas, sim, passa-se a tê-la. Nesse sentido, Valls (2000, p.162), enfatiza que: “um homem pode fazer muitas coisas por um outro, mas dar-lhes a fé, isto ele não pode”.

O estágio religioso é considerado como a esfera mais verdadeira, uma vez que nesse nível que há a ocorrência do encontro com o infinito através do qual são atendidas todas as necessidades do homem enquanto espírito, como também o amor alcança seu estado mais sublime e se concretiza de maneira plena. Entretanto, pelo fato do autor colocar que não se explica a fé com base na razão, pode-se atribuir a falta de clareza em sua explicação sobre a evolução dos anos nesse estágio. Portanto, talvez se possa entender que, nesse estado o amor conduza ao espiritual e, por esse motivo, haja um afastamento das coisas mundanas e, assim, alcance o grau superior. O processo de maturidade consiste em se ver o outro no eu, o que se encontra presente na esfera religiosa. Desse modo, a maturidade permite que se observe no outro o eu, e, por esta razão, não há egoísmo e nem separação entre o outro e/ou, passando os dois a serem uma única coisa em decorrência da união pelos sentimentos. Segundo Kierkegaard, no estágio religioso todos os fatores surgidos anteriormente, servem de instrumentos para materializar o amor na dimensão física em que se vive, no entanto, o amor já está ligado à alma. Se o amor está vinculado ao eterno, também apresenta-se como eterno. Assim, passa-se a entender que, desde que se ame uma vez, este não será destruído, por estar ligado ao eterno, à alma.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, neste estudo verificou-se que na concepção de Kierkegaard somente é possível amar verdadeiramente ou se realizar de maneira plena do eu e alcançar a felicidade o homem que se encontra no estágio de vida religioso. No entanto, esse autor ao se referir sobre a vida dentro de uma visão geral, faz menção à existência dos estágios de vida dentro de uma visão separadamente, sem apresentar comparação ou relação entre eles. Talvez, por conta das suas considerações nessa dimensão das esferas de vida, percebe-se claramente a defesa da esfera religiosa não apenas na vivência do amor, como também no viver sozinho. Convém ressaltar que, para esse autor o amor somente pode ser totalmente verdadeiro no estilo de vida religiosa, entretanto, parece ser viável a vivência religiosa em casal, sendo esta, a vivência religiosa do amor. Como se sabe, no matrimônio preserva-se a individualidade das partes, portanto, necessário se faz, apenas separar-se o que diz respeito à relação em si.

De acordo com a visão existencialista, cada pessoa possui verdades próprias, as quais, quase sempre não são compartilhadas, podendo-se, então, dizer que se trata de uma vivência individual, paralela à vida a dois. A teoria de Kierkegaard consiste em um satisfatório padrão de conduta humana, contendo um exercício de compreensão da existência e da felicidade que deve ser buscada pelas pessoas em geral. Mas, a existencialista defende o princípio de que “a verdade é para mim”, o qual não pode ter a intenção de propor uma doutrina, pois, para isso não há respaldo nem sentido. Esse autor ressalta em seus escritos, que o estilo de vida religioso, o indivíduo pode ser verdadeiro e ter uma existência plena com felicidade. Contudo, questiona-se a forma estável de se viver no estilo de vida religioso, pelo fato da falta de certeza da existência do espírito, uma vez que não existem provas científicas a respeito do espiritual do ser humano. Outra questão levantada refere-se à responsabilidade do homem religioso, visto que, tudo é controlado por Deus, o que pode implicar em risco para a sociedade, ao lado disso, há também o fanatismo, que deixa o homem angustiado e irresponsável por sua vida, pelo fato de delegar tudo a Deus. Apesar dessas questões, ao se escolher pelo estágio de vida mais perfeito, certamente que se trata do religioso. Considerações sobre aspectos como insegurança, isolamento dos outros modos de vida, não contribuem para sua total inaceitação, pois

em outra dimensão, ele proporciona ao homem liberdade de escolha, conforto e felicidade de modo autêntico.

REFERÊNCIAS

KIERKEGAARD, S. **O matrimônio**. São Paulo: Editorial Psy II, 1994.

KIERKEGAARD, S. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

VALLS, A. **Entre Sócrates e Cristo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.